

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

A NOVA ORTOGRAFIA: ASPECTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DAS MUDANÇAS, REFERENTES À ACENTUAÇÃO GRÁFICA⁴¹

José Mario Botelho (UERJ e ABRAFIL)
botelho_mario@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Desde 1º de janeiro do corrente ano, estamos vivenciando a tentativa de implantação das regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (AOLP), que fora firmado entre as nações cuja língua oficial é o português, apesar de todos os contratemplos causados, mormente, por Portugal.

Este Acordo, que é, de fato, o único que se efetiva entre Brasil e Portugal, conta com a participação dos outros seis países integrantes da Comunidade de Povos de Língua Portuguesa (CPLP), os quais concordam com as suas 21 (vinte e uma) Bases. Dessas vinte e uma bases do AOLP, sete se referem a regras de acentuação gráfica (da Base VIII à Base XIV), incluindo o uso do trema.

São muitas as Bases e isso pode fazer parecer que as mudanças ortográficas, referentes à acentuação gráfica, tenham sido profundas, o que não é verdade. De fato, as mudanças não são de grande proporção, e, em consequência disso, os usuários da língua não deverão ter grandes dificuldades para assimilarem e colocarem em prática as novas regras, as quais tendem a uma simplificação do sistema ortográfico.

Embora não apresentem grandes dificuldades para os usuários daqui, de alhures e dos outros países lusofônicos, podemos identificar pontos positivos e negativos das mudanças da nova ortografia, principalmente em relação à acentuação gráfica, que nesse artigo será enfatizada.

⁴¹ Foram inseridas algumas Notas do Editor neste artigo (em notas de pé de página), todas marcadas com a abreviatura [N.E.], acrescentando mais algumas observações úteis.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Logo, o nosso objetivo é identificar e comentar, de forma criteriosa, os casos de queda do acento gráfico de certos grupos de palavras, que merecem uma descrição crítica, porquanto certamente causarão problemas não só no uso da linguagem escrita em si, como também no ensino de tais regras, em especial aos aprendizes dos Ensinos Médio e Superior – os adolescentes e os adultos – que supomos já terem assimilado as regras até então estabelecidas.

Para isso, vamos apresentar um breve histórico do referido Acordo e, em seguida, uma descrição crítica das Bases que tratam da acentuação gráfica, identificando e comentando os pontos positivos e negativos das respectivas regras.

Convém ressaltar que nos baseamos no Projeto da Ortografia Unificada da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em 12 de outubro de 1990, por sete representantes dos países da CPLP (O Timor Leste ainda não fazia parte da Comunidade), já que não se alterou o seu texto na sua oficialização como Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, o qual constitui o primeiro passo para uma unificação da ortografia do português.

1. Breve histórico do acordo ortográfico em vigor

Em princípio, parecia que esta seria mais uma das tentativas frustradas de um acordo ortográfico do português para que a língua pudesse ter uma única ortografia – uma ortografia unificada. Isso, porque Portugal, que propusera o acordo inicialmente e praticamente fora o mentor das Bases que compunham aquele Projeto de 1990, inusitadamente se recusara a colocar em prática a decisão que tinha tomado em 1996, quando ratificou o Acordo junto com o Brasil e Cabo Verde.

Mantida a regra de que para a implantação do Acordo bastaria que três nações o ratificassem, mais uma vez Portugal se torna um problema, pois em 2006, quando São Tomé e Príncipe também o ratifica, se nega a cumprir o Acordo⁴².

⁴² Portugal já o havia aprovado na Assembleia da República e nunca se opôs, oficialmente. Mais ainda: o Presidente da República Portuguesa o promulgou antes do Brasil. Há, naturalmente, cidadãos portugueses contrários ao Acordo, assim como há brasileiros. [N.E.]

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Apesar da recusa de Portugal, a ratificação de Brasil, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe tornara legítima a implantação do Acordo, que deveria entrar em vigor em 1º de janeiro de 2007, pelo menos nesses países.

Contudo, só em outubro de 2008 Brasil e Portugal propuseram os seus cronogramas de implantação: no Brasil, entrou em vigor em 1º de janeiro de 2009 e se estabeleceu um prazo de quatro anos para a sua acomodação que se dará paulatinamente, entrando em vigor definitivamente em 1º de janeiro de 2013, quando começa em Portugal o período também de quatro anos para a sua acomodação.

A pergunta que não se pode evitar é “Quem garante que Portugal cumprirá essa decisão?”, pois se antes Portugal se mostrava interessado numa unificação, hoje vários setores se insurgem contra as Bases do Acordo.

Por lá se falara em um prazo de dez anos, para que todos pudessem preparar-se para as mudanças. Como se pode deduzir, há resistências de vários setores, que parece terem acordado e resolvido questionar a (in)conveniência desse pseudoacordo, que não passa de uma tímida tentativa de reforma ortográfica, uma vez que não reflete a real necessidade de uma reforma ortográfica que objetive a unificação da língua.

Entre nós também há os que defendem e os que atacam o Acordo, mas as resistências são mais acentuadas em Portugal; naturalmente, os que defendem são favoráveis às Bases propostas, apesar de algumas restrições.

O fato é que estamos vivenciando um novo sistema ortográfico, imposto inicialmente pela “prepotência dos nossos patrícios portugueses, da ignorância de nossos governantes e dos interesses escusos desses e de certos vendedores de livros – alguns escritores renomados –, que visam a lucros de um mercado promissor” (BOTE-LHO, 2008, p. 1).

Eles justificam que uma unificação ortográfica (— Que é utópica!) em todas as nações lusófonas protegeria a língua portuguesa das influências ameaçadoras de línguas estrangeiras, além de as obras em língua portuguesa poderem ser lidas por todos os seus usuários.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Não nego que nossos escritores e muitos escritores portugueses merecem tal reconhecimento e devem ser conhecidos em todo o mundo, ou pelo menos nos países de língua portuguesa, mas não aceito a pseudojustificativa de se fazer uma defesa do idioma contra as influências estrangeiras. Aliás,

A língua portuguesa é uma língua de cultura estabelecida e só tem a ganhar com o contato com outras línguas: o vocabulário se enriquece, as expressões linguísticas se modernizam e o risco de ocorrerem mudanças morfosintáticas é praticamente nenhum, e se ocorrerem, não serão por causa da influência de uma dada língua estrangeira, mas sim, porque a língua portuguesa, como todas as demais, é um organismo vivo, cujas mudanças paulatinas e praticamente imperceptíveis são inevitáveis. (BOTELHO, 2008, p. 1-2)

No que se refere à acentuação gráfica, não podemos deixar de observar que se privilegiaram acentuadamente as necessidades linguísticas de Portugal, onde já não se usavam o famigerado “trema”, o acento agudo dos ditongos abertos “ei” e “oi” de palavras paroxítonas, o acento circunflexo dos hiatos “ee” e “oo”, o acento diferencial, entre outras.

No entanto, é intrigante o fato de poucos questionarem a conveniência das propostas de mudanças. O conteúdo de certas Bases do Projeto não recebeu comentários críticos convenientemente e, portanto, as consequências das mudanças, que são mínimas, diga-se de passagem, não foram devidamente avaliadas, de modo que se enfatizassem as dificuldades para o ensino de tais regras ortográficas.

Daí, a necessidade de se refletir sobre as Bases do Acordo, identificando os possíveis problemas que todos teremos para assimilar as mudanças, os quais, inevitavelmente, dificultarão a tarefa do professor em seu mister, mormente em relação aos aprendizes das séries mais avançadas. Nessas séries, supõe-se que os alunos já detêm certo conhecimento das regras em vigor. Logo, fazê-los assimilar as novas regras em detrimento das já assimiladas deverá ser uma tarefa hercúlea.

Por isso, as mudanças devem ser bem explicadas, e as que provavelmente serão causadoras de problemas não podem deixar de receberem uma atenção especial, como é o caso de algumas mudanças quanto à acentuação gráfica.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

2. Descrição das Bases sobre acentuação, seguida de um breve comentário crítico

Convém ressaltar que, embora sejam muitas as Bases acerca da acentuação gráfica (da Base VIII à Base XIV) e isso possa levar-nos a crer que as mudanças ortográficas sejam profundas, foram poucas e simples as mudanças.

Logo, não será difícil para os usuários da língua assimilarem e colocarem em prática as novas regras, as quais serão identificadas e receberão um breve, porém conveniente e necessário comentário crítico.

Passemos, pois, à descrição das referidas Bases:

2.1. Base VIII:

Da acentuação gráfica das palavras oxítonas

1º) Acentuam-se com o acento agudo:

- a) *As palavras terminadas nas vogais tônicas/tônicas abertas grafadas ‘-a, -e ou -o’, seguidas ou não de ‘-s’: estás, já, até, és, olé, pontapé (s) avó (s), dominó (s), paletó (s), sós.*

Obs.: Em algumas (poucas) palavras oxítonas terminadas em ‘-e’ tônico, geralmente proveniente do francês, esta vogal, por ser articulada nas pronúncias cultas ora como aberta ora como fechada, admite tanto o acento agudo como o circunflexo: bebê/bebê, bidê/bidê, canapé/canapé, caratê/caratê, croché/croché, guichê/guichê, matinê/matinê, nenê/nenê, ponjê/ponjê, purê/purê, rapê/rapê.

O mesmo se verifica com formas como cocó/cocô, ró/rô (nome da letra grega). São igualmente admitidas formas como judô, a par de judo, e metrô, a par de metro.

Nenhuma novidade há nessa Base VIII, além da asserção de que se admitem as pronúncias aberta ou fechada de palavras oxítonas de origem francesa (*bebê/bebê, purê/puré*), bem como as formas: *co-có/cocô, ró/rô*, e da falta de distinção entre “palavra oxítônica” e “monossílabo tônico”, já que os exemplos dados se misturam, sob uma mesma asserção.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Logo, permanece a regra: “São acentuadas as palavras oxítonas e os monossílabos tônicos terminados em ‘-a’, ‘-e’ e ‘-o’, seguidos ou não de ‘-s’.”

- b) *As formas verbais oxítonas, quando, conjugadas com os pronomes clíticos lo (s) ou la (s), ficam a terminar na vogal tônica/tônica aberta grafada ‘-a’, após assimilação e perda das consoantes finais grafadas ‘-r, -s ou -z’: adorá-lo (s) (de adorar-lo (s)), dá-la (s) (de dar-la (s) ou dá (s)-la (s)), fá-lo (s) (de faz-lo (s)), fá-lo (s)-ás (de far-lo (s)-ás), habitá-la (s)-iam (de habitar-la (s)-iam), trá-la (s)-á (de trar-la (s)-á).*

Nenhuma novidade há nesse item da Base XVIII, que simplesmente reitera a regra existente. Convém apenas observar a forma “trar-la (s)-á” que certamente é a forma “traz-la (s)-á”, que foi grafada com erro tipográfico

- c) *As palavras oxítonas com mais de uma sílaba terminadas no ditongo nasal grafado ‘-em’ (exceto as formas da 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos compostos de ‘ter’ e de ‘vir’: retêm, sustentêm, advêm, provêm, etc.) ou ‘-ens’: acém, detém, entretém, entre-téns, harém, haréns, porém, provém, provéns, também).*

Nenhuma novidade há nesse item, que se limita a reiterar a regra existente: “São acentuadas as palavras oxítonas terminadas em ‘-ém e -éns.”

- d) *A palavras oxítonas com ditongos abertos grafados ‘-êi, -éu ou -ói’, podendo esses dois últimos ser seguidos ou não de ‘-s’: anéis, batéis, fiéis, papéis, céu (s), chapéu (s), Ilhéu (s), véu (s), corrói (de corroer), herói (s), remói (de remoer), sóis.*

Eis neste item uma nova regra de palavras oxítonas, que se junta àquela, já existente: “São acentuadas as palavras oxítonas e os monossílabos tônicos terminados em ‘-a’, ‘-e’ e ‘-o’, e as oxítonas terminadas em ‘-ém’, ‘-éns’, ‘-êi’, ‘-éu’ ou ‘-ói’, seguidas ou não de ‘-s’.”

- 2ª) *Acentuam-se com acento circunflexo:*

As palavras oxítonas terminadas nas vogais tônicas/tônicas fechadas que se grafam ‘-e’ ou ‘-o’, seguidas ou não de ‘-s’: cortês, dê, dês (de dar), lê, lês (de ler), português, você (s), avô (s), pôs (de pôr), robô (s).

Nenhuma novidade nesse item, que se limita a reiterar a regra existente.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

b) *As formas verbais oxítonas, quando, conjugadas com os pronomes clíticos '-lo (s)' ou '-la (s)', ficam a terminar nas vogais tônicas/tônicas fechadas que se grafam '-e' ou '-o', após a assimilação e perda das consoantes finais grafadas '-r', '-s' ou '-z': detê-lo (s) (de deter-lo (s)), fazê-la (s) (de fazer-la (s)), fé-lo (s) (de fez-lo (s)), vê-la (s) (de ver-la (s)), compô-la (s) (de compor-la (s)), repô-la (s) (de repor-la (s)), pô-la (s) (de por-la (s) ou pôs-la (s)).*

Nenhuma novidade nesse item, que também se limita a reiterar a regra existente.

3º) *Prescinde-se de acento gráfico para distinguir palavras oxítonas homógrafas, mas heterofônicas/heterofônicas, do tipo de 'cor' (ô), substantivo, 'cor' (ó), elemento da locução 'de cor', 'colher' (ê), verbo, e 'colher' (é), substantivo. Exceua-se a forma verbal 'pôr', para a distinguir da preposição 'por'.*

Não há nenhuma novidade nesse item da Base XVIII, que simplesmente enfatiza a regra que se depreendia da regra de acento diferencial existente, mas que deixa de existir neste Acordo.

De modo geral, praticamente não há novidades em toda a Base VIII. Porém, observa-se a criação de uma nova regra: a dos oxítonos terminados em ditongos abertos em “-éi, -éu ou -ói”, já que tais palavras se acentuavam pela regra especial dos ditongos abertos, que deixa de existir (ideia, asteróide, porém: papéis, Niterói)⁴³. Também se deve observar que não há distinção entre oxítonos e monossílabos tônicos; todos são tidos como palavras oxítonas.

Interessante é que não há nenhuma referência às palavras “quê” e “porquê” (acentuadas por serem homógrafas). Como não há distinção fonética entre o “que” e “porque”, que são átonos, das formas tônicas ou pseudotônicas, não podem ser acentuadas tão-somente por serem oxítonas.⁴⁴ Até então, eram consideradas homógrafas e recebiam o acento diferencial (que subsiste apenas em “pôr” e pôde”).

⁴³ Não se trata, de fato, de uma nova regra, pois essas palavras já eram acentuadas graficamente. Trata-se apenas de uma forma diferente de expressá-la, generalizando-se a regra que dispensa acento gráfico nas paroxítonas terminadas em “a (s)”, “e (s)”, “o (s)”, “am”, “em” e “ens”, eliminando os acentos gráficos nos ditongos dessas paroxítonas. [N.E.]

⁴⁴ Todos os oxítonos terminados em “e”, inclusive os monossílabos tônicos, são acentuados graficamente. Portanto, não há necessidade de qualquer observação a este respeito. O “u” dessas palavras pertence ao dígrafo “qu”. O bom senso condena o ensino do óbvio. [N.E.]

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Portanto, nesse caso, há uma verdadeira lacuna, já que não se sabe se não serão mais acentuadas ou se continuarão acentuadas, e sob que regra. As das oxítonas tônicas em “-e”, sendo elas átonas?

2.2. Base IX:

Da acentuação gráfica das palavras paroxítonas

1º) *As palavras paroxítonas não são em geral acentuadas graficamente: enjoo, grave, homem, mesa, Tejo, vejo, velho, vôo, avanço, floresta, abençoção, angolano, brasileiro, descobrimento, graficamente, moçambicano, ideia, boia, pelo.*

2º) *Recebem, no entanto, acento agudo:*

a) *As palavras paroxítonas que apresentam, na sílaba tônica/tônica, as vogais abertas grafadas ‘-a-, -e-, -o-’ e ainda ‘-i-’ ou ‘-u-’, e que terminam em ‘-l, -n, -r, -x e -ps’, assim como, salvo raras exceções, as respectivas formas de plural, algumas das quais passam a proparoxítonas: amável, (pl.: amáveis), Aníbal, dócil (pl.: dóceis), dúctil (pl.: dúcteis), fósfil (pl.: fósseis), réptil (pl.: répteis; var.: réptil, pl.: réptis), cármem (pl.: cármemes ou cármens; var.: carne, pl.: carnes), dólmen (pl.: dólmenes ou dolmens), éden (pl.: édenes ou édens), líquen (pl.: líquenes), lúmen (pl.: lúmenes ou lúmens); açúcar (pl.: açúcares), almíscar (pl.: almíscares), cadáver (pl.: cadáveres), caráter ou carácter (mas, pl.: carateres ou caracteres), ímpar (pl.: ímpares), Ajax, córtex (pl.:cortex; var.: córtice, pl.: córtices), índex (pl.: índex; var.: índice, pl.: índices), tórax (pl.: tórax ou tóraxes; var.: torace, pl.: tóraces), bíceps (biceps; var.: bicípite, pl.: bicípite), fôrceps (pl.: fôrceps; var.:fôrcipe, pl.: fôrripes).*

A novidade desses itens é a acentuação de palavras em “-ens” (plural de “en”): cármens, édens, lúmens), embora me pareça ter ocorrido uma falha tipográfica ou de falta de atenção dos elaboradores do texto ao colocarem acento em “édens”, e o fato de serem facultativos os timbres de algumas palavras (sémen/sêmen, xénon/xênon, fémur/fêmur, ónix/ônix), numa flagrante demonstração de terem privilegiado a pronúncia portuguesa. Aliás, tal privilégio é tão acentuado que sempre vem a pronúncia portuguesa em primeiro lugar nos pares de palavras acentuadas, que permitem dupla prosódia.

b) *As palavras paroxítonas que apresentam, na sílaba tônica/tônica, as vogais abertas grafadas ‘-a-, -e-, -o-’ e ainda ‘-i-’ ou ‘-u-’, e que terminam em ‘-ã (s)’, ‘-ão (s)’, ‘-ei (s)’, ‘-i (s)’, ‘-um’, ‘-uns’” ou ‘-us’: órfã (pl.: órfãs), acórdão (pl.: acórdãos), órfão (pl.: órfãos), órgãos (pl. órgãos), sótio (pl.: sótios); hóquei, jóquei (pl. jóqueis), amáveis (pl.: de amável), fáceis (pl. de fácil), fósseis (pl.: de fósfil), amáveis (de*

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

amar, amáveis (idem), cantaréis (de cantar), fizéreis (de fazer), fizésseis (idem); beribéri (beribéris), bílis (sg. e pl.), íris (sg. e pl.), júri (pl.: júris), oásis (sg. e pl.); álbum (pl.: álbuns), fórum (pl.: fóruns); húmus (sg. e pl.), vírus (sg. e pl.).

Obs.: Muito poucas paroxítonas deste tipo, com as vogais tônicas/tônicas grafadas '-e- e -o-' em fim de sílaba, seguidas das consoantes nasais grafadas '-m-' e '-n-', apresentam oscilação de timbre nas pronúncias cultas da língua, o qual é assinalado com acento agudo, se aberto, ou circunflexo, se fechado: pónei e pônei; gónis e gônis, pénis e pênis, ténis e tênis; bónus e bônus, ónus e ônus, tónus e tônus, Vénus e Vênus.

A novidade é o fato de serem facultativos os timbres de algumas palavras (pónei/pônei, pénis/pênis, Vénus/Vênus), em que mais uma vez se flagra o privilégio dado à pronúncia portuguesa.

3º) *Não se acentuam graficamente os ditongos representados por '-e-' e '-oi-', da sua sílaba tônica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação: assembleia, boleia, ideia, tal como aldeia, baleia, cadeia, cheia, meia, coreico, epopeico, onomatopeico, proteico, alçaloide, apoio (do verbo apoiar), tal como apoio (subst.), Azoia, boia, boina, comboio (subst.), tal como comboio, comboias, etc. (do verbo comboiar), dezoito, estroina, heróico, intróito, jiboia, moina, paranóico, zoína.*

Dá-se nesse item da Base XIX uma mudança fundamental na ortografia das palavras do português do Brasil, em que se usa até então o acento agudo a partir da antiga regra especial de ditongo aberto em “-éi, -ói e -éu”, que deixa de existir. Sendo, pois, as respectivas palavras arroladas na regra geral, a partir da qual não se acentuam as paroxítonas terminadas em “-a, -e e -o”. Contudo, continuam recebendo o acento palavras como “Méier, destróier”, que são paroxítonas terminadas em “-r”, conforme observa Bechara (2008, p. 72).

4º) *É facultativo assinalar com acento agudo as formas verbais de pretérito perfeito do indicativo, do tipo 'amámos, louvamos, para as distinguir das correspondentes formas do presente do indicativo (amamos, louvamos), já que o timbre da vogal tônica/tônica é aberto naquele caso em certas variantes do português'.*

Eis aqui mais um destaque da prosódia portuguesa, porquanto somente em Portugal se distinguem tais formas verbais com um acento totalmente despropositado, como ocorre em “amámos”, que é uma paroxítona terminada em “-o”, seguido de “-s” e não necessita, por conseguinte, de tal acento gráfico.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

5º) *Recebem acento circunflexo:*

- a) *As palavras paroxítonas que contêm, na sílaba tônica/tônica, as vogais fechadas com grafia ‘-a-, -e-, -o-’, e que terminam em ‘-l, -n, -r ou -x’, assim como as respectivas formas do plural, algumas das quais se tornam proparoxítonas: cônsul (pl.: cônsules), pênsil (pl.: pênséis), têtil (pl.: têxteis); cânon, var. cânone, (pl.: cânones), plâncton (pl.: plânctons); Almodóvar, aljôfar (pl.: aljôfares), âmbar (pl.: âmbares), Câncer, Tanger, bômbax (sg. e pl.), bômbix, var. bômbice, (pl.: bômbices).*
- b) *As palavras paroxítonas que contêm, na sílaba tônica/tônica, as vogais fechadas com grafia ‘-a-, -e-, -o-’, e que terminam em ‘-ão (s)’, ‘-eis’, ‘-i (s)’ ou ‘-us’: bênção (s), covão (s), Estevão, zângão (s); devêreis (de dever), escrevêsseis (de escrever), fôreis (de ser e ir), fôsseis (Id.), pênseis (pl.: de pênsil), têxteis (pl.: têxril), dândi (s), Mênfis, ânus.*
- c) *As formas verbais ‘têm’ e ‘vêm’, 3ªs pessoas do plural do presente do indicativo de ‘ter’ e ‘vir’, que são foneticamente paroxítonas (respectivamente /têẽy/, /vêẽy/ ou ainda /têyẽy/, /vêyẽy/; cf. as antigas grafias preteridas: teem, vêem), a fim de se distinguirem de ‘tem’ e ‘vem’, 3ªs pessoas do singular do presente do indicativo ou 2ªs pessoas do singular do imperativo; e também as correspondentes formas compostas, tais como: abstêm (cf. abstém), advêm (cf. advém), contêm (cf. contém), convêm (cf. convém), desconvêm (cf. desconvém), detêm (cf. detém), entretêm (cf. entretém), intervêm (cf. intervém), mantêm (cf. mantém), obtêm (cf. obtém), provêm (cf. provém), sobrevêm (cf. sobrevém).*

Obs.: Também neste caso, são preteridas as antigas grafias ‘detêem, intervêem, mantêem, provêem, etc.’”

De modo geral, não há nenhuma novidade nesse item. No item “c”, inclusive, o texto enfatiza a manutenção da regra existente.

No entanto, observa-se que não há nenhuma referência à regra de acentuação de palavras paroxítonas terminadas em ‘-on’ (que não pode ser a mesma da de palavras paroxítonas terminadas em ‘n’, já que aquelas, de acordo com a regra em vigor, admitem o acento nas formas de plural: elétron – elétrons, xênon – xênons, plâncton – plânctons). Porém, como há exemplos de palavras em ‘-on’, quanto à oscilação do timbre da vogal tônica das palavras paroxítonas terminadas em ‘n’, deve-se acreditar que a regra é a mesma.

Também, não se pode deixar de observar que não há referências a respeito das palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Neste Acordo, elas são definitivamente consideradas palavras

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

proparoxítonas (Cf. Base XI, item “b”): história (his-tó-ri-a), mágoa (má-go-a), série (sé-ri-e), língua (lín-gu-a, separação bem inusitada), etc.⁴⁵ Tais palavras, que, até então, vêm sendo consideradas “proparoxítonas eventuais”, são, no presente Acordo, “proparoxítonas aparentes”.

6º) *Assinalam-se com acento circunflexo:*

- a) *obrigatoriamente, ‘pôde’ (3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo), que se distingue da correspondente forma do presente do indicativo (pode).*
- b) *facultativamente, ‘dêmos’ (1ª pessoa do plural do presente do conjuntivo), para se distinguir da correspondente forma do pretérito perfeito do indicativo (demos); ‘fôrma’ (substantivo), distinta de ‘forma’ (substantivo); 3ª pessoa do singular do presente do indicativo ou 2ª pessoa do singular do imperativo do verbo ‘formar’.*”

Tem-se nesses itens a manutenção do acento diferencial em “pôde”, que deixa de existir nas demais palavras (pelo (do gato), pelo (broto ou ponto cardeal), pelo (do verbo “pelar”), pera (fruta ou pedra preciosa), para (do verbo “parar”)), como se confirma no item 9º, abaixo.

Convém lembrar que, neste Acordo, além dessas formas (pôde, dêmos e fôrma), também recebem acento diferencial: têm e vêm (e derivados), pôr (verbo) e formas do tipo “amámos”.

7º) *Prescinde-se de acento circunflexo nas formas verbais paroxítonas que contêm um ‘-e-’, tônico/tônico, oral fechado, em hiato com a terminação ‘-em’ da 3ª pessoa do plural do presente do indicativo ou do conjuntivo, conforme os casos: creem, deem (conj.), descreem, desdeem (conj.), leem, preveem, redeem (conj.), releem, reveem, tresleem, veem).*

8º) *Prescinde-se igualmente do acento circunflexo para assinalar a vogal tônica/tônica fechada com a grafia ‘-o-’ em palavras paroxítonas enjoo (substantivo e flexão de enjoar), povoo (flexão de povoar), voo (substantivo e flexão de voar), etc.*

9º) *Prescinde-se, que do acento agudo, quer do circunflexo, para distinguir apalavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tó-*

⁴⁵ Na verdade, os chamados “ditongos crescentes” são casos particulares de encontros vocálicos que só ocorrem, seguramente, quando precedidos de “q” ou “g” seguidos de “u” com o qual não formem dígrafo. Fora esta exceção, os encontros instáveis poderão ser pronunciados na mesma sílaba ou em sílabas diferentes. [N.E.]

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

nica/tônica aberta ou fechada, são homógrafas de palavras proclíticas. Assim, deixam de se distinguir pelo acento gráfico: 'para' (á), flexão de 'parar', e 'para', preposição; 'pela (s)' (é), substantivo e flexão de 'pelar', e 'pela (s)', combinação de 'per' e 'la (s)'; 'pelo' (é), flexão de 'pelar', 'pelo (s)' (ê), substantivo ou combinação de 'per' e 'lo (s)'; 'pólo (s), substantivo, e 'polo (s)', combinação antiga e popular de 'por' e 'lo (s)'; etc.

De fato, tais regras são providenciais, já que tais palavras se enquadram normalmente na regra geral de palavras que não necessitam de acento – paroxítonas terminadas em “-a (s), -e (s), -o (s), -em e -ens.

10º) Prescinde-se igualmente do acento gráfico para distinguir paroxítonas homógrafas heterrofônicas/heterofônicas do tipo de 'acerto' (ê), substantivo, e 'acerto' (é), flexão de 'acertar'; acordo' (ô), substantivo, e 'acordo' (ó), flexão de 'acordar'; 'cerca' (ê), substantivo, advérbio e elemento da locução prepositiva 'cerca de', e 'cerca' (é), flexão de 'cercar'; 'coro' (ô), substantivo, e 'coro' (ó), flexão de 'corar'; 'deste' (ê), contração da preposição 'de' com o demonstrativo 'este', e 'deste' (é), flexão de 'dar'; 'fora' (ô), flexão de 'ser' e 'ir', e 'fora' (ó), advérbio, interjeição e substantivo; 'piloto' (ô), substantivo, e 'piloto' (ó), flexão de 'pilotar'; etc..

Este item é de uma inutilidade tamanha, pois nem mesmo por aqui se usa mais esse tipo de acento diferencial de timbre, que foi totalmente abolido em 1971, com a lei nº 5.765, que procurou diminuir as divergências entre as ortografias do Brasil e de Portugal, acomodando a nossa ortografia à tentativa de acordo de 1943.

2.3. Base X;

Da acentuação das vogais tônicas/tônicas grafadas “i” e “u”, das palavras oxítonas e paroxítonas

1º) As vogais tônicas/tônicas grafadas “i” e “u”, das palavras oxítonas e paroxítonas levam cento agudo quando antecedidas de uma vogal com que não formam ditongo e desde de que não constituam sílaba com a eventual consoante seguinte, excetuando o caso de ‘s’: adaiís (pl.: de Adail), aí, atraí (de atrair), baú, caís (de cair), Esaú, jacuí, Luís, país, etc.; alaúde, amiúde, Araújo, Ataíde, atraíam (de atrair), atraísse (Idem), baía, balaústre, cafeína, ciúme, egoísmo, faísca, faúlha, graúdo, influísse (de influir), juízes, Luísa, miúdo, paraíso, raízes, recaída, ruína, saída, sanduíche, etc.

2º) As vogais tônicas/tônicas grafadas “i” e “u” das palavras oxítonas e paroxítonas não levam acento agudo quando, antecedidas de vogal

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

com que não formam ditongo, constituem sílaba com a consoante seguinte, como é o caso de '-nh-', '-l-', '-m-', '-n-', '-r-' e '-z-': rainha, Adail, Coimbra, ainda, influir, juiz.

- 3^o) *Em conformidade com as regras anteriores, leva acento agudo a vogal tónica/tônica grafada "-i-", das formas oxítonas, terminadas em "-r", dos verbos em "-air" e "-uir", quando estas se combinam com as formas pronominais clíticas "-lo (s), -la (s)", que levam à assimilação e perda daquele "-r": atraí-lo (s) de (de atrair-lo (s)); atraí-lo (s)-ia (de atrair-lo (s)-ia)); possui-la (s) de possui-la (s)); possui-la (s)-ia (de possui-la (s)-ia).*
- 4^o) *Prescinde-se do acento agudo nas vogais tónicas/tônicas grafadas "-i-" e "-u-", das palavras paroxítonas, quando elas estão precedidas de ditongo: boiuno, boiúno, cauila (var. cauíra), cheiinho (de cheio), saíinha (de saía).*
- 5^o) *Levam, porém, acento agudo as vogais tónicas/tônicas grafadas "-i-" e "-u-" quando, precedidas de ditongo, pertencem a palavras oxítonas e estão em posição final ou seguidas de "-s": Piauí, teiú, teiús, tuiuíús).*

Obs.: Se, neste caso, a consoante final for diferente de "-s", tais vogais dispensam o acento agudo: cauím.

- 6.^o) *Prescinde-se do acento agudo nos ditongos tónicos/tônicos grafados "-iu-" e "-ui-", quando precedidos de vogal: distraiu, instruiu, pauis (pl. de paul).*
- 7.^o) *Os verbos "arguir" e "redarguir" prescindem do acento agudo na vogal tónica/tônica grafada "-u-" nas formas rizotónicas/rizotônicas: arguo, arguís, arguí, arguem, argua, arguas, argua, arguam. Os verbos do tipo de aguardar, apaniguar, apaziguar, apropinquare, averiguar, desaguado, enxaguar, obliquar, delinquir e afins, por oferecerem dois paradigmas, ou têm as formas rizotónicas/rizotônicas igualmente acentuadas no "-u-", mas sem marca gráfica (a exemplo de averiguo, averiguas, averigua, averiguam, averigue, averigues, averigue, averiguem; enxaguado, enxaguas, enxagua, enxaguam, enxague, enxagues, enxague, enxaguem; etc.; delinquo, delinquis, delinqui, delinquem; mas delinquimos, delinquís) ou tem as formas rizotónicas/rizotônicas acentuadas fônica/fônica e graficamente nas vogais "-a-" ou "-i-" radicais (a exemplo de averiguo, averiguas, averigua, averiguam, averigue, averigues, averigue, averiguem; enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam, enxáguo, enxáguos, enxáguo, enxáguem; delinquo, delinquís, delinqui, delinquem, delínqua, delínquas, delínqua, delínquam.*

Obs.: Em conexão com os casos acima referidos, registre-se que os verbos em "-ingir": atingir, cingir, constringir, infringir, tingir, etc.) e os verbos em "inguir", sem prolação do "-u-": distinguir, extinguir,

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

etc.) têm grafias absolutamente regulares (atinjo, atinja, atinge, atingimos, etc.; distingo, distinga, distingue, distinguimos, etc.).

No caso da acentuação dos “-i-” e “-u-”, tônicos, em formação de hiato com a vogal anterior, praticamente não há novidade, além da observação de que “não levam acento quando constituem sílaba com a consoante seguinte, como é o caso de ‘-nh-’”, como se “ra-inha” e “moinho”, por exemplo, fossem assim separadas silabicamente: “ra-inha” e “mo-inho”.

Novidade danosa é a queda do acento agudo do “-u-”, tônico, dos grupos “gue, gui, que e qui”, paralela à queda do trema do “-u-”, átono, dos mesmos grupos, que será descrita na Base XVI. A confusão, que fatalmente se estabelecerá, causará sérios problemas no uso daquelas palavras, principalmente em relação às palavras que se distinguem atualmente ou pela presença do acento agudo ou pela presença do trema (argúí/sagüi/segui; obliqué/delinqüem/saque).⁴⁶

Também constitui uma novidade interessante o fato de as formas de verbos do tipo “averiguar” apresentarem um outro paradigma, em que se verifica um acento agudo (“averiguo” ao lado de “averigúe”; “averigúe” ao lado de “averigue”).

2.4. Base XI:

Da acentuação gráfica de palavras proparoxítonas

1º) Levam acento agudo:

- a) *As palavras proparoxítonas que apresentam na sílaba tônica/tônica as vogais abertas grafadas ‘-a-, -e-, -o-’ e ainda ‘-i-’, ‘-u-’ e ditongo oral começado por vogal aberta: árabe, cáustico, Cleópatra, esquálido, exército, hidráulico, líquido, míope, músico, plástico, prosélito, público, rústico, tétrico, último;*
- b) *As chamadas proparoxítonas aparentes, isto é, que apresentam na sílaba tônica/tônica as vogais abertas grafadas ‘-a-, -e-, -o-’ e ainda ‘-i-’ e ‘-u-’ ou ditongo oral começado por vogal aberta, e que terminam por seqüências vocálicas pós-tônicas/pós-tônicas praticamente consideradas como ditongos crêscentes (-ea, -eo, -ia, -ie, -io, -oa, -*

⁴⁶ Na verdade, é uma das regras mais coerentes desse acordo, pois os paroxítonos terminados em “e” e os oxítonos terminados em ditongo já têm o acento natural, como se pode ver em milhares de exemplos. E só se justificava pela existência do trema quando o “u”, nessas sílabas, fosse pronunciado e átono, na ortografia de 1943. [N.E.]

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

ua, -uo, etc.): álea, náusea; etéreo, nível; enciclopédia, glória; barbárie, série; lírio, prélio; mágoa, nódoa; exígua, língua; exíguo, vácuo.

2º) *Levam acento circunflexo:*

- a) *As palavras proparoxítonas que apresentam na sílaba tônica/tônica vogal fechada ou ditongo com a vogal básica fechada: anacrôntico, brêtema, cânfora, cômputo, devêramos (de dever), dinâmico, êmbolo, excêntrico, fôssemos (de ser e ir), Grândola, hermenêutica, lâmpada, lôstrego, lôbrego, nêspara, plêiade, sôfrego, sonâmbulo, trôpego;*
- b) *As chamadas proparoxítonas aparentes, isto é, que apresentam vogais fechadas na sílaba tônica/tônica, e terminam por sequências vocálicas pós-tônicas/pós-tônicas praticamente consideradas como ditongos crescentes: amêndoa, argênteo, côdea, Islândia, Mântua, seródio.*

3º) *Levam acento agudo ou acento circunflexo as palavras proparoxítonas, reais ou aparentes, cujas vogais tônicas/tônicas grafadas '-e-' ou '-o-' estão em final de sílaba e são seguidas das consoantes nasais grafadas '-m' ou '-n', conforme o seu timbre e, respectivamente, aberto ou fechado nas pronúncias cultas da língua: acadêmico/acadêmico, anatômico/anatômico, cênico/cênico, cômodo/cômodo, fenômeno/fenômeno, gênero/gênero, topônimo/topônimo, Amazônia/Amazônia, Antônio/Antônio, blasfêmia/blasfêmia, fêmea/fêmea, gêmeo/gêmeo, gênio/gênio, ténue/tênue."*

A única novidade é o uso facultativo de acento agudo ou circunflexo em certas proparoxítonas. Convém observar, também, a confirmação de que são proparoxítonas ou proparoxítonas aparentes (por nós, brasileiros, denominadas proparoxítonas eventuais) as paroxítonas terminadas em ditongo crescente.

2.5. Base XII:

Do emprego do acento grave

1º) *Emprega-se o acento grave:*

- a) *Na contração da preposição 'a' com as formas femininas do artigo ou pronome demonstrativo 'a': à (de a + a), às (de a + a);*
- b) *Na contração da preposição 'a' com os demonstrativos 'aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo' ou ainda da mesma preposição com os compostos 'aqueleoutro' e suas flexões: àquele (s), àquela (s), àquilo; àqueloutro (s), àqueloutra (s).*

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Como se pode observar, nenhuma novidade há nesta Base, que é despropositada e poderia não figurar no Projeto.

2.6. Base XIII:

Da supressão dos acentos em palavras derivadas

1º) *Nos advérbios em “-mente”, derivados de adjetivos com acento agudo ou circunflexo, estes são suprimidos: avidamente (de ávido), debilmente (de débil), facilmente (de fácil), habilmente (de hábil), ingenuamente (de ingénuo), lucidamente (de lúcido), mamente (de má), somente (de só), unicamente (de único), etc.; candidamente (de cândido), cortesmente (de cortês), dinamicamente (de dinâmico), espontaneamente (de espontâneo), portuguesmente (de portugueses), romanicamente (de romântico).*

2º) *Nas palavras derivadas que contêm sufixos iniciados por ‘z-’ e cujas formas de base apresentam vogal tónica/tônica com acento agudo ou circunflexo, estes são suprimidos: anezinhos (de anéis), avozinha (de avó), bebezito (de bebê), cafezada (de café), chapeuzinho (de chapéu), chazeiro (de chá), heroizito (de herói), Ilhezito (de I-lhéu), mazinha (de má), orfãozinho (de órfão), vintezito (de vintém), etc.; avozinho (de avô), bençãozinha (de bênção), lampazita (de lâmpada), pessegozito (de pêssego).”*

Por aqui, já não se usa acento nessas formas há muito tempo. Logo, trata-se de uma Base despropositada e também poderia não figurar no Projeto.

2.7. Base XIV: Do trema

O trema, sinal de diérese (ditongo), é inteiramente suprimido em palavras portuguesas ou aporuguesadas. Nem sequer se emprega na poesia, mesmo que haja separação de duas vogais que normalmente formam ditongo: ‘saudade’, e não ‘saudade’, ainda que tetrassílabo; ‘saudar’, e não ‘saüdar’, ainda que trissílabo; etc.

Em virtude desta supressão, abstrai-se de sinal especial, quer para distinguir, em sílaba átona, um ‘i’ ou um ‘u’ de uma vogal da sílaba anterior, quer para distinguir, também em sílaba átona, um ‘i’ ou um ‘u’ de um ditongo presedente, quer pra distinguir sílaba tônica/tônica ou átona, o ‘u’, de ‘gu-’ ou de ‘qu-’ de um ‘e’ ou ‘i’ seguintes: arruinar, constituiria, depoimento, esmiuçar, faiscar, faulhar, oleicultura, paraibano, reunião, abaiucado, auiqui, caiúá, cauíxi, piauíense, aguentar, anguíforme, arguir, bilíngue (ou bilíngue), lingueta, linguista, linguístico, cinquenta, equestre, frequentar, tranquilo, ubiqüidade.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Obs.: Conserva-se, no entanto, o trema, de acordo com a Base 1. 3º, em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros: hübneriano (de Hübner), mülleriano, (de Müller), etc”.

A queda do trema, paralela à queda do acento agudo dos grupos “gue, gui, que e qui”, com já foi observado, causará uma grande confusão no uso das palavras, em que se distinguem pelo uso de um ou de outro, e no aprendizado escolar.

Convém ressaltar que a falta do trema não mudará a pronúncia das palavras, i. é, o “-u-” de “linguiça” continuará sendo pronunciado átono, embora, na prática, muitas palavras terão sua leitura modificada, se não duvidosa, como já ocorre com “questão”, “distinguir”, “quiproquó”, entre outras.⁴⁷ Aliás, como será a leitura de “argui”, “extinguir”, “equilátero”, “obliques”, “apropinquem” e tantas outras, que já são vilipendiadas por muitos? E como iremos explicar a sua pronúncia? A resposta terá sempre um tom tirânico do tipo: “É assim e pronto; acostume-se!”.

Quanto à manutenção do “trema” em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros, cabe observar que a referida notação léxica não é propriamente um trema, mas um “laud”, que, em alemão, caso daqueles exemplos, funcionam como modificador da fonética da vogal sobre a qual recai, o que faz com que a pronúncia de um “a”, “e”, “o” e “u” seja diferente da de “ä”, “ë”, “ö” e “ü”, respectivamente.

3. Considerações finais

Como se pode constatar, o referido Acordo, não atende propriamente a uma necessidade premente de uma unificação ortográfica da língua portuguesa, e nem mesmo constitui uma reforma que vise à proteção do idioma. Exemplos não faltam de pronúncias duplas, conservando, pois, em muitos casos, as duas ortografias: a daqui e de Portugal.

⁴⁷ Assim como a existência da regra do trema não evitou a dupla pronúncia de “questão”, “distinguir” e “quiproquó”, sua ausência não fará mudar a pronúncia de “argui”, “extinguir” e qualquer um outro, porque a pronúncia é aprendida pelo ouvido e não pelos olhos. No caso de termos eruditos, serão apreendidos oralmente ou pelo texto escrito e, neste caso, por pessoas capazes de consultar um dicionário, em que a pronúncia correta estará explicitada. [N.E.]

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

De certo, são outros os motivos que levaram à elaboração desse Projeto, do qual apenas o Prof. Antônio Houaiss, Ministro da Educação daquela época, participou, e que não convém elucidar.

Esse pseudoacordo ortográfico, mal consegue se aproximar de uma necessária reforma ortográfica, que não privilegie especificamente nenhuma das modalidades diatópicas da língua. Além de apresentar algumas bases despropositadas e, por conseguinte, desnecessárias, apresenta um texto problemático, com trechos mal escritos, ambíguos e outros pouco ou nada esclarecedores.

Neste artigo, os comentários críticos que fizemos podem servir para que os leitores reflitam sobre as (in)conveniências do (des)acordo, que pretende unificar o vocabulário⁴⁸ da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Vocabulário ortográfico da língua portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: ABL, 1998.

BECHARA, Evanildo. *A nova ortografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Lucerna, 2009.

BOTELHO, José Mario. A nova ortografia: o que muda com o iminente (des)acordo ortográfico?. In: Anais do IV CLUERJ-SG, Volume único, ano 4, n. 3, Rio de Janeiro: Botelho, 2007.

ESTRELA, Edite. *A questão ortográfica: Reforma e acordos da língua portuguesa*. Lisboa: Notícias, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 1. ed., 14. imp., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *A nova ortografia: o que muda com o acordo ortográfico*. São Paulo: Campus, 2008.

⁴⁸ O acordo referido é ortográfico e não léxico. Portanto, jamais se pensou em unificar o vocabulário, o que seria uma estupidez. [N.E.]

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

LÍNGUA PORTUGUESA. *Revista*. São Paulo: Segmento, 2007. Ano II, n. 21, julho de 2007.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Minho: Livros Horizontes, 1973, 3 vols.

NOVA ORTOGRAFIA OFICIAL. Lei n.º 5.765, de 18 de dezembro de 1971. São Paulo: Formar, 1972.

PROJETO DA ORTOGRAFIA UNIFICADA DA LÍNGUA PORTUGUESA (1990). Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1990.

RIBEIRO, Manoel Pinto. *O novo acordo ortográfico: soluções, dúvidas e dificuldades para o ensino*. Rio de Janeiro: Metáfora, 2008.

SILVA, José Pereira. *A nova ortografia da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Impetus, 2009.